

# CONTROLE DA RAIVA DOS HERBÍVOROS E SUA RELEVÂNCIA NA SAÚDE PÚBLICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

I Simpósio de Microbiologia de Rondônia: Saúde, Ambiente e Inovação., 1ª edição, de 23/03/2021 a 25/03/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-86861-91-4

NOGUEIRA; ANDRESSA TRINDADE<sup>1</sup>, ZIELINSKI; CAROLINE FLORES<sup>2</sup>, ABREU; MATHEUS FAGAN<sup>3</sup>, BARCELOS; ALEVERSON DA SILVA<sup>4</sup>, ADAMS; MILTON<sup>5</sup>, HOFFMEISTER; WILSON<sup>6</sup>, BASSUINO; Daniele Mariath<sup>7</sup>

## RESUMO

A raiva dos herbívoros, doença que após a manifestação de sinais clínicos não apresenta cura é fatal para os animais e seres humanos, sendo responsável pela morte de milhares de animais na América Latina. O morcego hematófago *Desmodus rotundus* é o principal transmissor do *Lyssavirus*, causador da raiva. Nesse viés, o Programa Nacional de Controle da Raiva dos Herbívoros (PNCRH) foi criado pelo Ministério da Agricultura e é por meio deste que o Departamento de Saúde Animal (DSA) executa ações estratégicas, tais como identificação, cadastro e revisão periódica dos refúgios e controle populacional do principal vetor de transmissão, além de vacinação de espécies susceptíveis. Este trabalho objetiva apresentar as medidas de controle e prevenção da raiva dos herbívoros, executadas pela Secretaria de Agricultura Pecuária e Desenvolvimento Rural do Estado do Rio Grande do Sul (SEAPDR). Esta produção é baseada em experiência de estágio realizada junto a SEAPDR do município de Cruz Alta, com foco nas atividades desenvolvidas de acordo com o PNCRH. No período de estágio, compreendido entre julho de 2020 a janeiro de 2021, foram realizadas ações de vigilância epidemiológica e atividades que envolveram a identificação e cadastramento de novos abrigos, revisão de refúgios já cadastrados e captura de morcegos hematófagos. Para esta última utilizou-se a rede de neblina ou puçá. O controle é feito com a aplicação de anticoagulante (warfarina) no dorso do morcego, que após liberado retorna aos abrigos e difunde o produto para os demais através do contato, ou diretamente no animal agredido, no local da mordedura. Ainda foram desenvolvidas ações de educação sanitária, as quais consistiram na distribuição de material educativo e orientação aos produtores acerca da forma de identificação de ataques de morcegos e descoberta de possíveis refúgios a fim de auxiliar o Serviço Veterinário Oficial-SVO no controle da enfermidade. Colheitas de encéfalo de animais com suspeita de raiva dos herbívoros e envio a laboratório credenciado para diagnóstico também foram realizadas. Outras ações consistiram em localizar propriedades em áreas de risco, por meio da observação das mordeduras de morcegos em animais de produção, com identificação de possíveis refúgios próximos ao local. O reconhecimento de um refúgio ocorre a partir da visualização das fezes dos morcegos hematófagos, as quais são de odor e coloração característicos, inclusive infectantes, pois podem conter o vírus e consequentemente contaminar os seres humanos que entrarem em contato. Os refúgios podem compreender casas abandonadas, túneis e túmulos, ocos de árvores e cavernas. Em todas as propriedades inspecionadas foi realizado preenchimento do Relatório de Atividades de Vigilância Epidemiológica (RAVE), com entrevista aos produtores rurais, além de orientação à vacinação dos herbívoros domésticos para a prevenção. Por tudo isso impera concluir que o controle da raiva dos herbívoros é bastante complexo, uma vez que depende da localização dos refúgios e, por isso, necessário o envolvimento dos produtores, algo que ainda é incipiente. Neste sentido a SEAPDR desempenha papel imprescindível no monitoramento e controle da raiva dos herbívoros, através da educação sanitária e atividades de controle *in loco* do principal vetor desta doença.

**PALAVRAS-CHAVE:** Palavras-chave: Controle epidemiológico, Morcego, Refúgios, Vírus.

<sup>1</sup> Universidade de Cruz Alta, andressa2018.mv@gmail.com

<sup>2</sup> Fiscal estadual agropecuário na Secretaria de Agricultura Pecuária e Desenvolvimento Rural do RS, caroline-zielinske@agricultura.rs.gov.br

<sup>3</sup> Secretaria de Agricultura, matheus-abreu@agricultura.rs.gov.br

<sup>4</sup> Pecuária e Desenvolvimento Rural do RS, aleverson-barcelos@agricultura.rs.gov.br

<sup>5</sup> Fiscal estadual agropecuário na Secretaria de Agricultura Pecuária e Desenvolvimento Rural do RS, milton-adams@agricultura.rs.gov.br

<sup>6</sup> Secretaria de Agricultura, wilson-hoffmeister@agricultura.rs.gov.br

<sup>7</sup> Pecuária e Desenvolvimento Rural do RS, dbassuino@unicruz.edu.br

<sup>1</sup> Universidade de Cruz Alta, andressa2018.mv@gmail.com

<sup>2</sup> Fiscal estadual agropecuário na Secretaria de Agricultura Pecuária e Desenvolvimento Rural do RS, caroline-zielinske@agricultura.rs.gov.br

<sup>3</sup> Secretaria de Agricultura, matheus-abreu@agricultura.rs.gov.br

<sup>4</sup> Pecuária e Desenvolvimento Rural do RS, aleverson-barcelos@agricultura.rs.gov.br.

<sup>5</sup> Fiscal estadual agropecuário na Secretaria de Agricultura Pecuária e Desenvolvimento Rural do RS, milton-adams@agricultura.rs.gov.br

<sup>6</sup> Secretaria de Agricultura, wilson-hoffmeister@agricultura.rs.gov.br

<sup>7</sup> Pecuária e Desenvolvimento Rural do RS, dbassuino@unicruz.edu.br